

Sobre o Programa Sementes do Semiárido

Para ampliar a proposta de convivência com o Semiárido, a ASA lançou em 2015 o Programa que reforça a cultura do estoque, desta vez, das sementes crioulas. Além de infraestrutura para estocar água para beber e produzir, as famílias serão apoiadas na sua prática de guardiães das sementes crioulas. Estimulando as dinâmicas de autogestão das sementes nas comunidades rurais, o programa se propõe a apoiar o fortalecimento dos Bancos de sementes comunitários, bem como a articulação delas em rede.

Em 2018, o programa inicia uma nova etapa com aporte de 10 milhões de reais junto à Fundação Banco do Brasil. Será uma execução de cerca de um ano com mobilização de nove organizações nos estados de Minas Gerais, Bahia, Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e o Piauí. Em cada estado, as organizações que vão executar as ações do Programa atuarão em sete municípios e apoiarão até três bancos em cada um. Serão ao todo 180 Bancos em 63 municípios. Este ano a Casa da Mulher do Nordeste executa a terceira etapa do Programa em Pernambuco com a implementação de 20 Bancos de sementes envolvendo municípios dos territórios do Sertão do Pajeú, Central e Moxotó.



Representantes das Comissões Municipais da ASA que irão receber os Bancos de Sementes.

O Candeeiro

Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas

Ano 12 • nº 2448
Outubro/2018

Afogados da
Ingazeira



Pernambuco

A Partilha está aumentando

As sementes crioulas guardadas pelas agricultoras e agricultores no Pajeú terão mais espaços em 07 municípios. Entre eles, comunidades quilombolas, indígenas e de assentamentos serão beneficiadas pelo Programa Sementes do Semiárido.

“Eu sou uma guardiã de sementes com muito orgulho”. A frase da agricultora Lucineide Cordeiro, da comunidade de Cachoeira de Cancão, de Afogados da Ingazeira, tem sido afirmada por muitas agricultoras e agricultores do Semiárido após a implementação de Bancos de Sementes, nos últimos 3 anos. A Lucineide foi uma das parceiras nessa construção e gestão no Banco de Cachoeira, junto a Casa da Mulher do Nordeste (CMN), executora do Programa Sementes do Semiárido, da Articulação Semiárido Brasileiro. A gestão é coletiva e está voltada para o resgate, a conservação e multiplicação das sementes.

Mais de 14.200 famílias tem se desafiado a preservar um patrimônio genético diverso e rico para a soberania alimentar. De acordo com a ASA, cerca de 25% dos municípios do Semiárido passaram a ter um espaço coletivo para guardar as sementes crioulas presentes nas localidades por gerações.



A indígena Solange Maria, da Aldeia Tamboril - Mirandiba

Para a indígena Solange Maria da Conceição, da Aldeia Tamboril, de Mirandiba, o Programa Sementes vêm para resgatar as suas origens. **“Esse Programa incentiva nosso povo para que continue com essa tradição, porque a natureza para nós é preciosa. As plantas medicinais são sagradas. É por isso que precisamos continuar essa experiência. O banco que será construído na nossa aldeia, que tem 43 famílias, será de exemplo para outras aldeias”, disse.**

Solange, junto à outras(os) integrantes da Comissão Municipal dos municípios de Brejinho, Tuparetama, Sertânia, Iguaracy, Mirandiba, Calumbi e Serra Talhada, fazem parte da nova etapa do Programa Sementes do Semiárido, e irão receber Bancos de Sementes em seus territórios.

Os intercâmbios na dinâmica da CMN e da ASA, permitem que muitas agricultoras e agricultores conheçam experiências de convivência com o Semiárido desenvolvidas por outras famílias. Também têm contribuído no resgate e multiplicação de sementes crioulas que tenham sido perdidas em determinadas comunidades.

Para conhecer as etapas que serão desenvolvidas no Projeto, representantes das Comissões Municipais da ASA participaram de uma capacitação e foram conhecer de perto a experiência do Banco de Sementes da Comunidade de Santo Antônio I, em Carnaíba, pelas lideranças Luís Gonzaga e David Celestino. Os agricultores apresentaram a dinâmica do Banco de Sementes que foi implementado em 2016 na primeira etapa do Programa Sementes do Semiárido. Durante o encontro tiraram dúvidas principalmente relativas à gestão e de como manter a participação da comunidade. As/os participantes saíram esperançosas/os e animadas/os para reproduzir e construir novas histórias nos seus municípios.

“É uma satisfação enorme, foi uma ótima experiência que mostrou que eles não vieram apenas atrás de conhecimentos, mas também para ensinar. Uma diversidade enorme de pessoas, de outras etnias, trouxeram suas experiências. O que mais me chamou atenção foi a participação de um cadeirante, que veio de Sertânia, que com todas as dificuldades está engajado, se articulando para a luta. Além das/os participantes queremos agradecer a Casa da Mulher que é um braço forte.”, disse Luiz Gonzaga, da comunidade de Santo Antônio. Mesmo sendo o primeiro ano de retirada das sementes do Banco, 15 pessoas já acessaram com as sementes: feijão sempre verde e variedades de milho, feijão, campeão e coruja.



Mazé, da Comunidade de Feijão em Mirandiba, relata sua experiência como guardiã de sementes.

A participação das mulheres no intercâmbio se deu na base da troca de experiências e também de reflexões. As mulheres quilombolas de Mirandiba, que possuem uma iniciativa de guardar sementes, pontuou a importância de manter o Banco abastecido apenas com sementes crioulas, e que o monitoramento e a sensibilização para o cultivo e a prática agroecológica são importantes para que o Banco cumpra sua missão no resgate e na preservação das sementes.

A depender da região do Semiárido, as sementes crioulas também são conhecidas como Sementes da Paixão, da Resistência, da Gente, da Fatura, da Vida. Em Pernambuco são chamadas de Partilha pelo fato das(os) guardiãs e guardiões terem satisfação em partilhar suas sementes e conhecimentos. Os nomes simbolizam a relação de afeto das famílias agricultoras e populações tradicionais pelas sementes que as acompanham há gerações. Angela Maria dos Santos, comunidade quilombola de Pau de Leite, reconhecida desde 2007, contou que a comunidade já tem o costume de guardar as sementes, e que ter um espaço específico vai animar ainda mais as/os agricultoras(es). “Esse projeto tem várias importâncias. A primeira é que a gente vai fazer um trabalho de reunir as famílias para guardar as sementes. Reunir essa semente, reproduzir, e criar um espaço para guardar é a parte mais fantástica desse trabalho. O desafio vai ser nos juntar somente em 20 famílias. Nós trabalhamos com 56 mulheres, porém trabalhamos com várias outras que fazem parte das famílias. Para você selecionar desse grupo 20 vai ser complicado. Eu estou fascinada por esse trabalho, não vejo a hora da gente plantar. Todo mundo tem semente em casa, guardada, e vai ser a oportunidade de reunir a diversidade que cada um(a) tem”.

Desde o ano passado, as agricultoras e agricultores estão tentando se articular em Rede. A agricultora Lucineide Cordeiro, espera que as famílias abracem essa causa. “É importante que todo mundo se envolva por que não vai apenas trazer o resgate das sementes crioulas, mas vai trazer a independência das sementes distribuídas pelos programas do governo”, reafirma.



Trocas de saberes e conhecimentos durante o intercâmbio em Carnaíba.

Para Maria José Almeida, da comunidade Carnaúba dos Nunes e Diretora do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Tuparetama, o intercâmbio possibilitou ter acesso às sementes do milho branco, que há anos não tinha conseguido resgatar. “Consegui novos tipos de sementes. Não conhecia o milho preto, o milho dente de burro, o milho roxo. E o milho branco que fazia muito tempo que não via. Na minha comunidade eu espero que esse banco de semente chegue o mais rápido possível. E que esse ano a gente já possa usar e reproduzir para o próximo ano.”, contou.